

**FRAGMENTOS DO RELIGIOSO NA TRAVESSIA DE  
GUIMARÃES ROSA EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”  
*FRAGMENTS OF RELIGIOUS ON CROSSING OF  
GUIMARÃES ROSA IN “THE DEVIL TO PAY IN THE  
BACKLANDS”***

*Iracema Andréa Arantes da Cruz\**

**Resumo:** O presente trabalho busca identificar os fragmentos do religioso presente na Obra Grande Sertão: Veredas. Um religioso que faz parte do cotidiano de seus personagens de forma singular, não estruturada, ambígua, clara e obscura. Portanto, a análise não se detém na história de amor triangular entre Riobaldo-Diadorim-Otacília nem em reflexões sobre a vida, a travessia, o sertão. Busca, em vez, extrair de um contexto mais amplo o que tem relação com o religioso, porém intimamente vinculado às questões existenciais e morais.

**Palavras-chave:** religião, dimensão prática, dimensão existencial, Deus, Demônio.

**Abstract:** This work seeks to identify fragments of the religious in Guimarães Rosa's masterpiece, *The Devil to pay in the Backlands*; a religiousness that plays a part in the everyday life of the characters in a very particular, not structured, ambiguous, clear and dark ways. Therefore, the analysis goes beyond the love triangle involving Riobaldo, Diadorim and Otacília, and goes even further, not remaining simply on reflections about life, the pathways and the backlands. The work tries, instead, to extract, from a wider scenario, what is related with the religious, nonetheless intimately connected to moral and existential questioning.

**Keywords:** religion, practical dimension, existential dimension, God, Devil.

## INTRODUÇÃO

Adentrar em *Grande Sertão: Veredas* (GSV), de Guimarães Rosa, é mais do que ler um romance: é conseguir ultrapassar uma primeira barreira de incompreensão e perplexidade para depois descobrir a beleza da vida e da história narrada, a beleza da vida e da história de seus personagens, mais precisamente de Riobaldo, de Reinaldo-Diadorim, de Joca Ramiro, Zé Bebelo, Medeiro Vaz e de todos os “Riobaldos”, “Jocas Ramiros”, “Medeiros Vazes,” “Zé Bebelos”... De todas as pessoas que, mais ao centro ou mais à margem, participam da “travessia” do Grande Sertão — travessia da vida e da existência. Tanto que, mais do que pensar em Guimarães Rosa e nas suas possíveis questões, as questões são incorporadas pelos seus personagens que se tornam pessoas

---

\* Doutoranda em Ciências da Religião (iracemaandrea@gmail.com).

vivas dentro do leitor à medida que ele supera a barreira inicial mencionada e penetra na realidade, no fato total construído e apresentado ao longo do romance.

A travessia do sertão é cruzada pela contradição e pela pergunta (Arrigucci Jr. 2006:5), pela busca do sentido da vida e da existência. Portanto, Riobaldo resume em si todas essas tensões e se torna o símbolo do ser humano que passa pela vida sem saber bem quem é e para quem vive, mas que vive intensamente o que faz e descobre a si mesmo, sem se descobrir jamais. “A natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” (ROSA, apud BRITO, 2009:2).

*GSV* poderia ser analisado sob diversos matizes, no entanto, o presente trabalho busca focalizar os fragmentos do religioso presente na obra; religioso que faz parte do cotidiano de seus personagens de forma singular, não estruturada, ambígua, clara e obscura.

Portanto, não nos deteremos na história de amor triangular entre Riobaldo-Diadorim-Otacília nem em reflexões sobre a vida, a travessia, o sertão. Procuraremos extrair deste contexto mais amplo o que tem relação com o religioso, porém intimamente vinculado às questões existenciais e morais.

## 1. FRAGMENTOS DO RELIGIOSO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Em *GSV*, o sertão é a vida que assume uma materialidade que transcende a pessoa, um ente que tudo domina, tudo controla, nada comanda, nada sabe, que aparece de repente, está em toda a parte (cf. Rosa 1984:7), é do tamanho do mundo (idem: 57), é tudo certo e tudo incerto (idem: 121).

Sertão — se diz — o senhor querendo procurar, nunca não encontra. De repente, por si, quando a gente não espera, o sertão vem. [...] Sertão é dentro da Gente (Rosa 1984: 292; 237).

A vida apresentada por Rosa — por meio da jagunçagem, que pode ser entendida como representação da vida em geral — é ambígua, contingente, aventureira, com regras próprias, com uma cultura própria, uma moral própria, com elementos da moral cristã, mas não só. No universo do jagunço, a religião não é uma, são várias, embora o cristianismo — o do jagunço — se apresenta nas horas derradeiras como fundamento da ação e da compreensão da vida e do mundo. A religião é importante para não deixar endoidecer. Neste sentido, ela se apresenta ou é apreendida como o elemento que confere razão à existência, lucidez.

O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que salva da loucura. No geral. Isso é que é a salvação da alma... Muita religião, seu moço! Eu cá não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardeque. Mas quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar o tempo todo (ROSA, 1984:14).

Pode-se perceber na religiosidade vivida em *Grande Sertão* duas dimensões: uma existencial-moralizante, outra prática, colada no cotidiano, mais próxima da magia do que do culto, que busca resultado imediato, proteção, sorte, salvação da alma.

Essas duas dimensões atravessam-se reciprocamente o tempo todo e têm como ponto central o dilema da existência ou não tanto de Deus quanto do demônio:

Um outro doutor, doutor rapaz, que explorava as pedras turmalinas no Vale do Araçuari, discorreu me dizendo que a vida da gente encarna e desencarna, por progresso próprio, mas que Deus não há. Estremeço. Como não ter Deus? Com Deus existindo tudo dá esperança: sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra. É o aberto perigo das grandes e pequenas horas, não se podendo facilitar — é todos contra os acasos. Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma![...] O que não é deus é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver — a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo (ROSA, 1984: 47).

Nesse trecho, é possível identificar essas duas dimensões entrelaçadas.

“Com Deus existindo tudo dá esperança: sempre um milagre é possível” — dimensão prática: “sempre um milagre é possível”.

“Mas, se não tem Deus, há-de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra” — dimensão existencial-moralizante, a existência de Deus confere sentido à vida.

“Tendo Deus, é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!” — dimensão existencial-moralizante e prática, simultaneamente, porque além de dar sentido à vida, dispõe como a vida pode ser vivida de forma quase “negociada” com Deus, numa relação de causa e efeito material (“pois no fim, tudo dá certo”).

Toda a travessia do Sertão é marcada por esta vivência da religiosidade distante das práticas litúrgicas e da inserção em uma comunidade eclesial, mas vivenciada na liberdade e construída por uma fé ressignificada a partir da experiência e da tradição. Há crenças das mais variadas, como na ação das rezadeiras; prática de se benzer em situações específicas, diante do perigo ou de um defunto, bem como o costume de se enterrar cristãmente (quem merece respeito — dimensão existencial-moralizante); a reza também faz parte do cotidiano do jagunço em situações de crise existencial e ou material. Ademais, a moral, como dito anteriormente, é própria da jagunçagem, portanto, as noções de pureza ou de justiça, por exemplo, embora permeadas e justificadas por uma lógica religiosa, não correspondem à moral cristã ortodoxa, mas possuem uma lógica própria.

Nhorinhá. Depois [de estarem juntos, Riobaldo com uma meretriz, I.C.] ela me deu de presente uma presa de jacaré, para traspassar no chapéu, com talento contra mordida de cobra; e me mostrou para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa [dimensão prática, I. C.] (ROSA, 1984:27).

A gente tirou chapéus, em voto todos se benzendo [diante de uma pessoa morta; I.C.] (ROSA, 1984:49).

Mas me confessei com sete padres, aceitei sete absolvições. No meio da noite eu acordo e pelejo para rezar (ROSA, 1984:50).

Fiz com todo o respeito o pelo sinal. Sei que o cristão não se concerta pela má vida levável, mas sim porém sucinto pela boa morte — ao que a morte é o sobrevir de Deus [dimensão existencial-moralizante — não é tanto o como se vive, mas o como se morre que garante a salvação; I.C.] (ROSA, 1984:250).

O que posso, em nome de Deus e de meu São Sebastião guerreiro, o que posso! [presença de jaculatórias; I.C.] (ROSA, 1984:252).

Vai dentro de lá, num quarto, muito recanto, sediava, no escuro que já fazia, um oratório em armariozinho, construído pregado na parede; que estava com suas poucas imagens e um toco para se acender, de vela-benta. Nisso não tinham desrespeitado de mexer. E nós, então, cada um depois dum, viemos ao quarto-do-oratório beijar a santa maior, que era no seu manto como uma boneca muito perfeita, que era a Minha Nossa Senhora Mãe-de-Todos [quando chegaram à casa de sinhô Habão, abandonada, roubada e remexida; I.C.] (ROSA, 1984:305).

Só que se tinha confiança nos bentinhos e verônicas. E de repente correu o aviso que João Bexinguento e o Pacamã-de-Pressas sabiam reza para São Sebastião e São Camilo de Lélis, que livram de todo mal vago. [...] ... E cada um, da gente, consigo reproduzisse, constantemente, as fortes ave-marias e padre-nossos, que isso bastava. Assim foi que fizemos. Avante eu rezei [durante a travessia do Sucruíú, em meio à peste; I.C.] (ROSA, 1984:300).

## 2. DEUS E O DEMÔNIO: O PARADOXO DA EXISTÊNCIA

Ponto crucial da narrativa, da história e da reflexão apresentadas e vividas em *GSV* é a relação Deus-Diabo-Vida.

O que chama a atenção é que nesta relação o Diabo tem força maior, é uma presença mais significativa do que a própria presença de Deus. Mas todas essas presenças são ao mesmo tempo ausências, pois na busca da verdade encontram-se somente incertezas.

É essa coragem de encarar o nada, típica da filosofia, que autoriza Riobaldo a dizer que “a natureza da gente não cabe em nenhuma certeza” e que tanto quanto o Diabo, “Deus existe mesmo quando não há” (BERNARDO, 2006:12).

O tema de fundo, que perpassa esta dualidade, é a própria vida, marcada pelo bem e pelo mal. Ora, bem e mal, no cotidiano, se misturam, como a mandioca boa e a mandioca má (cf. p. 17); se concretizam na ação das pessoas, ora como bem, ora como mal. Deus aparece mais como um personagem distante, que assiste ao drama da pessoa sem muito intervir, deixando a liberdade da ação, decidindo, depois, a salvação ou não da alma. A parte mais próxima, mais do dia a dia, da proteção, fica por conta dos santos e da Santa, Mãe de Deus. O Demônio está mais perto, é mais ativo, influencia mais do que o próprio Deus. Deus e Demônio se confirmam e se negam, se misturam. Talvez porque, uma vez que o jagunço não leva vida reta, como prediz a doutrina, não se sinta digno de Deus e sim do Demônio: “Pecados, vagância de pecados. Mas a gente estava com Deus. Jagunço podia?” (ROSA, 1984:169).

Deus não queira, Deus que roda tudo! [...] quem sabe, a gente, criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do diá? Ou que Deus — quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o próximo de Deus é em figura do *Outro*? Que é que de verdade a gente pressente? (ROSA, 1984:31-32).

Esta dicotomia latente é expressa — e se expressa — em uma religiosidade materializada em símbolos e até mesmo no pacto com o demo. É ele quem dá força e proteção em troca da alma.

Por que sinais se conhecia em favor dele [do Hermógenes; I.C.] a arte do Coisa-Má, com tamanha proteção? Ah, pois porque ele não sofria nem se cansava; nunca perdia nem adoecia; e, o que queria, arrumava, tudo; sendo que, no fim de qualquer aperto, sempre sobrevinha para

corrigimento alguma revirada, no instinto derradeiro. E como era a razão desse segredo? — Ah, que essas coisas são por um prazo... Assinou a alma em pagamento. Ora o que é que vale? Que é que a gente faz com a alma? (ROSA, 1984:313).

No entanto, estando a existência mergulhada em um mar de incertezas, o demo fortalece e assusta; aproxima e afasta. É e não é.

Deus não devia de ajudar a quem vai por santas vinganças? Devia. [...] Mas tem o Outro — o figura, o morceirão, o tunes [...] aquele — o que não existe! [...] e da existência desse me defendo, em pedras pontudas ajoelhado, beijando a barra do manto de Nossa Senhora da Abadia! Ah, só ela me vale; mas vale, mas vale por um mar sem fim... Sertão. Se a Santa puser em mim os olhos, como é que ele pode me ver? (ROSA, 1984:231).

Neste sentido, a religião não afraça, mas fortalece: “Somemos, não ache que religião afraça. Senhor ache o contrário” (ROSA, 1984:19). Tanto que é depois do pacto com o diabo — real ou imaginário — que Riobaldo tem força para se tornar chefe. E grande chefe. Este fato demonstra também o quanto a religião cria a realidade, no sentido de que uma crença se externa na ação do sujeito, construindo o real.

A relação com Deus se dá mais no plano ontológico, da existência, do sentido da vida e da morte. Responde ao desejo de vida eterna e de salvação:

O inferno é um sem fim que nem não se pode ver. Mas a gente quer Céu é porque quer um fim; mas um fim com depois dele a gente tudo vendo (ROSA, 1984:47).

Considerando a narrativa na sua totalidade, na busca da conclusão acerca da existência de Deus e do Diabo, Riobaldo entende que Deus e o Diabo estão em cada pessoa. Deus age por intermédio da pessoa.

Deus existe, sim, devagarinho, depressa. Ele existe — mas quase só por intermédio da ação das pessoas: de bons e maus. Coisas imensas no mundo. O grande-sertão é a forte arma. Deus é um gatilho? (Rosa 1984:263).

O Demônio expressa o mal que há na natureza, que contém em si o bem e o mal, como o terreno que dá mandioca mansa e brava ao mesmo tempo, e a mandioca mansa pode virar brava e a brava pode amansar (p. 10). “O Demo está misturado em tudo” (p. 10).

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor [...]. Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido,

bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois — e Deus, junto.

O bem e o mal estão dentro de Riobaldo todo o tempo: quando se negou a matar Ana Duzuza, mãe de sua meretriz amada; quando sentiu o ímpeto de matar por matar — após o pacto com o demo — e depois não conseguiu fazê-lo, livrando-se do vexame da palavra de chefe dada e não cumprida com maestria e inteligência. Esta luta interior de Riobaldo entre o tudo e o nada, entre o comando e o não comando, entre ser e o não ser, o leva a fazer o pacto com o diabo. Pacto que parece ser frustrado pelo não comparecimento do Demo.

Deus é muito contrariado. Deus deixou que eu fosse, em pé, por meu querer, como fui. [...] devia ser debaixo dum pau-cardoso [...] ainda melhor era a capa-rosa — porque no chão bem debaixo dela é que o Careca dança, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nem um fio de capim; e que por isso de capa-rosa-do-judeu nome toma. [...] O que eu estava tendo era o medo que ele estava tendo de mim! Quem é que era o Demo? O Sempresério, o Pai da mentira? Ele não tinha carnes de comida da terra, não possuía sangue derramável. Viesse, viesse, vinha para me obedecer. Trato? Mas trato de iguais para iguais [...]. Ele tinha de vir, se existisse. Naquela hora, existia (ROSA, 1984:322).

E o Demo, existe? Só existe o estilo dele, solto, sem um ente próprio. [...] Se pois o Cujo nem não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? Vendi minha alma a quem não existe? Não será o pior? [...] E o diabo não há! Nenhum. É o que tanto digo. Eu não vendi minha alma (ROSA, 1984:370).

A relação de Riobaldo com Deus e com o Diabo também pode ser vista na dupla dimensão — prática e existencial-moralizante. Prática porque persegue um fim específico e concreto (fechamento do corpo, força, poder); além de se realizar de forma ritual, plástica, tangível, materializada nas coisas, isto é, existe um lugar para fazer o pacto, a encruzilhada ou um tipo específico de árvore, como descrito acima: “ainda melhor era a capa-rosa — porque no chão bem debaixo dela é que o Careca dança, e por isso ali fica um círculo de terra limpa, em que não cresce nem um fio de capim; e que por isso de capa-rosa-do-judeu nome toma”. Existencial-moralizante, porque tem relação com o sentido da existência, com a salvação ou não da alma.

O drama do pacto e a incerteza de ter sido ou não validado acompanha Riobaldo até o fim de seus dias. É o drama da vida. É o que há de mais humano: Deus e o Diabo dentro da gente.

Riobaldo conclui: “O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia”.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI JR., Davi. Sertão, mar e rios de histórias. In: *O Estado de São Paulo. Grande Sertão: Veredas. 50 anos*, sábado, 27 de maio de 2006, p. 2-3.
- BERNARDO, Gustavo. O filósofo Riobaldo Tatarana. In: *Jornal do Brasil. Ideias & Livros. O ano Rosa*, sábado, 18 de fevereiro de 2006, p. 14.
- BRITO, Ênio. s.d. *Material de carpintaria VIII*. Texto mimeografado.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.